

Os negros abrem o Censo na Bahia

Marlene Vaz

Costuma-se dizer que neste país tudo acaba em samba, mas deixe estar que na Bahia tudo começa com festa.

Assim foi no lançamento simbólico do Censo 91, no Pelourinho, dia 1º de setembro, domingo (também se não fosse inventariamos mais um feriado), um sol enorme lambendo os casarões coloniais, nossa "prata da casa", testemunhando um cenário de ruas belosa plástica - negros usando roupas e cabelos de suas origens e os mestiços copiando a moda importada.

Sim, porque branco mesmo só havia turistas alemães e franceses, que se achegaram à festança que rolava solta na "Cantina da Lou". Dava gosto ver os filhos dos ibegeanos misturando-se à criançada do Pelourinho, porque criança é tudo igual, assim como os micos que davam de mamar aos filhos.

Ahl é o cantor Jerônimo, nosso convidado de honra, autor das mais belas músicas baianas ("Essa Cidade toda é de Oxum", "Jubiabá", "Eu Sou Negro"), reconhecido 20 anos atrás, ele disse que após cantar aos quatro ventos "Eu Sou Negro", oculto, agora é pardo por causa do questionário do IBGE.

Enfê que baiano não deixa o berrão e nem quer deixar "... passar em branco a sua cor". Tudo começou quando o IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), jun-



tando-se aos movimentos negros da Bahia, "Unegro", "Mnu", "Olodum", "Filhos do Ghandi" e outros, liderados pelo "Tê Ayê" (quem não conhece Vovô e Katia?), uniram-se ao IBGE e promoveram um seminário para discutir a questão da cor (raça?) no Censo.

Representando o IBGE no seminário, pude perceber como cultivamos a tradição de ignorar conflitos inevitáveis numa sociedade multiracial como a nossa, sendo por isso, inovador que a nossa instituição seja dos gabinetes e vá às ruas confrontar-se com a nossa cultura, para reformular desde os nossos temas de pesquisa, até as categorias explicitadas nos nossos instrumentos de coleta.

Talvez seja difícil entender para quem não vive na Bahia, ou para quem não conhece a história da formação da sociedade brasileira, que pardo não é raça e nem é cor, mas uma epiderme social inventada para estimular o branqueamento da raça - é evidente que a sociedade

trata melhor o moreno, o mulato, "o branco baiano".

Mas que também não foi o IBGE que inventou o pardo, lá isso não foi. Não se deve ter raiva das estatísticas, mas da estrutura social que elas refletem. Lembra-se dos registros da carteira de identidade e do serviço militar? Por que não dizemos mestiço?

Por que não partirmos para uma ampla discussão nacional, de forma a preservar nossa cultura negra, nossas raízes, e reformulármos o questionário do Censo 2000?

Quanto a mim que passo por branco neste País, vou responder ao recenseador que sou pardo, porque descendo de uma tradicional família baiana, e toda família tradicional da Bahia, com certeza, descende de negros.

É vovô, hem? Qual a sua cor?

Marlene Vaz é Socióloga e pesquisadora pela divulgação do Censo 91 na Bahia.

<p>Presidência da República Fundação Getúlio Vargas</p> <p>Ministério do Planejamento, Orçamento e Administração Ministério do Censo</p> <p>IBGE FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS - IBASE</p> <p>Presidente Adalberto Augusto da Costa</p> <p>Coordenador Luiz Carlos de Araújo dos Reis</p> <p>Presidente do Conselho Luiz Carlos de Araújo dos Reis</p>	<p>Unidade de Coordenação Mônica Pereira de Melo Eduardo de Fátima Walter Duarte de Castro (Assessor)</p> <p>Supervisor Jorge Luiz de Oliveira (Coordenador de Planejamento e Administração - CENPLAD) Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador WILSON DE CARVALHO JUNIOR</p> <p>Coordenador de Planejamento Carmelo Lopes e Silva (Coordenador de Planejamento)</p> <p>Coordenador de Estatística Davi de Sá</p>	<p>Coordenador de Planejamento Fernando Luiz de Oliveira (Coordenador de Planejamento)</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p>	<p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p> <p>Coordenador de Estatística Roberto de Castro Galvão</p>
---	---	---	---

Coleção
IBEGEANA

CENSO

Rio de Janeiro, segunda-feira, 30 de setembro de 1991 • Ano I • nº 4 • IBGE

Mais de sete milhões em 20 dias

Culpa da outra

Vita dura a do recenseador. Em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, a recenseadora Luciani Cristina de Andrade sofreu no hospital, depois de ter sido agredida à toa, mordida, pinçada de cabelos e até pedradas pela entristada Aneia Rodrigues. Na delegacia Aneia contou que o "coletivo" foi aplicado por engano "confundiu a esposa com a sem-vergonha da amante do meu marido" - justificou.

Planejando o futuro

Em São Gregório, no estado do Rio de Janeiro, o Censo 91 está sendo acompanhado por uma comissão com representantes dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Para o prefeito Edson Euzébio, "pelo Censo 91 poderemos saber quantos somos, como vivemos e quais são nossas principais necessidades, informações que poderão ser de grande utilidade para orientar o desenvolvimento do município" - disse ele.

Dança das cadeiras

A cidade de Gama, na Região Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, está entre as 100 cidades brasileiras que terão o próximo ano, se o recenseamento indicar que a população ultrapassa a um milhão de habitantes, os vereadores terão persistentemente aumentado o número de cadeiras na Câmara Municipal, que passaria dos atuais 11 representantes, para 15.

Pão-duro

O governador Roberto Ringo foi o primeiro pernambuco a responder ao Censo 91. Questionado sobre fato de taxar o imposto e sobre a mulher e dos filhos, o governador não soube responder prontamente: "É que não costumo dar presentes aos aniversariantes" - justificou.

Ponto de vista: Leda Nagle

"Acho muito bom estar assistindo o Censo, porque pretendemos obter assim a soma e quantos somos, até para descobrir por onde vamos. O caminho certo é esse, procurar saber quantos somos para melhor entender nosso povo. Mas é uma pena que algumas pessoas vão ter medo de abrir o porta para o recenseador". - Leda Nagle, jornalista da TV Manchete.

Nos primeiros vinte dias do Censo 91 os pesquisadores do IBGE já visitaram mais de 7,8 milhões de domicílios em todo País. De acordo com o Coordenador Geral do Censo 91, David Wu Tai, o cronograma original está sendo desenvolvido dentro do previsto, para que até o final do ano se tenha o número total de habitantes por sexo.

Para David Wu Tai, as dificuldades previstas num Censo que envolve mais de 150 milhões de habitantes estão sendo superadas "com eficiência e rapidez", por todas as pessoas envolvidas na coleta dos dados, o que permitirá cumprir os prazos previamente estabelecidos pelo IBGE.

Até as três primeiras semanas de coleta, os pesquisadores visitaram

7.819.217 domicílios em todo o Brasil. Dos 165.067 setores de coleta, 5.712 já estão concluídos, 110.328 estão em andamento e 44.527 não foram iniciados.

São Paulo é o estado com maior número de domicílios visitados. Lá os pesquisadores do IBGE estiveram em 1.680.359 domicílios, nas três primeiras semanas do recenseamento. Dos 30.561 setores do Estado 1.265 estão concluídos, 18.638 estão em andamento e 10.661 ainda não foram iniciados.

O Estado do Rio de Janeiro é o segundo, em números absolutos, na coleta dos dados. Os domicílios visitados já somam 878.333. Dos 14.941 setores existentes, 210 foram concluídos, 11.662 estão em andamento e 3.069 não tiveram início.

SETORES DO CENSO 91*	IBGE			TOTAL	Número de setores concluídos
	CONCLUÍDOS	EM ANDAMENTO	NÃO INICIADOS		
Acre	7	240	170	397	15.387
Alagoas	16	2.130	370	2.516	66.263
Alagoas	10	660	1.471	2.141	29.372
Amapá	1	176	174	250	11.088
Bahia	36	9.624	3.447	12.494	367.888
Ceará	39	4.829	1.824	6.773	229.947
Distrito	24	1.478	392	1.740	214.395
D. Federal	74	2.669	966	2.789	197.909
Colômbia	66	3.276	1.846	4.938	226.878
Maranhão	33	1.680	2.147	5.428	124.460
M. Goiás	172	10.428	4.847	15.453	519.677
Mato G. Sul	11	1.244	666	2.044	114.009
Mato Grosso	148	1.179	949	2.267	94.660
Piauí	114	2.732	1.541	4.951	213.647
Pernambuco	180	3.251	1.171	4.614	218.296
Pernambuco	82	5.676	1.565	7.233	248.894
Pernambuco	118	2.455	421	3.394	168.827
Pernambuco	67	1.211	1.882	3.096	148.228
R. Janeiro	230	11.682	5.669	14.941	678.938
Rio G. Norte	198	2.132	388	2.746	188.839
Roraima	76	912	382	1.315	54.689
Roraima	21	99	177	297	7.884
S. Paulo	513	9.029	5.169	13.004	724.284
S. Catarina	252	2.820	1.076	5.238	156.984
Sergipe	56	2.432	276	3.144	81.707
São Paulo	1.825	18.448	11.963	40.508	1.680.289
Tocantins	8	798	389	1.287	89.138
TOTAL	5.712	110.328	44.527	165.067	7.819.217

Censo dos Cavaleiros da Ordem da Gráfica

Marcia Gringun

Os 300 milhões de páginas poderiam cobrir toda a linha do equador

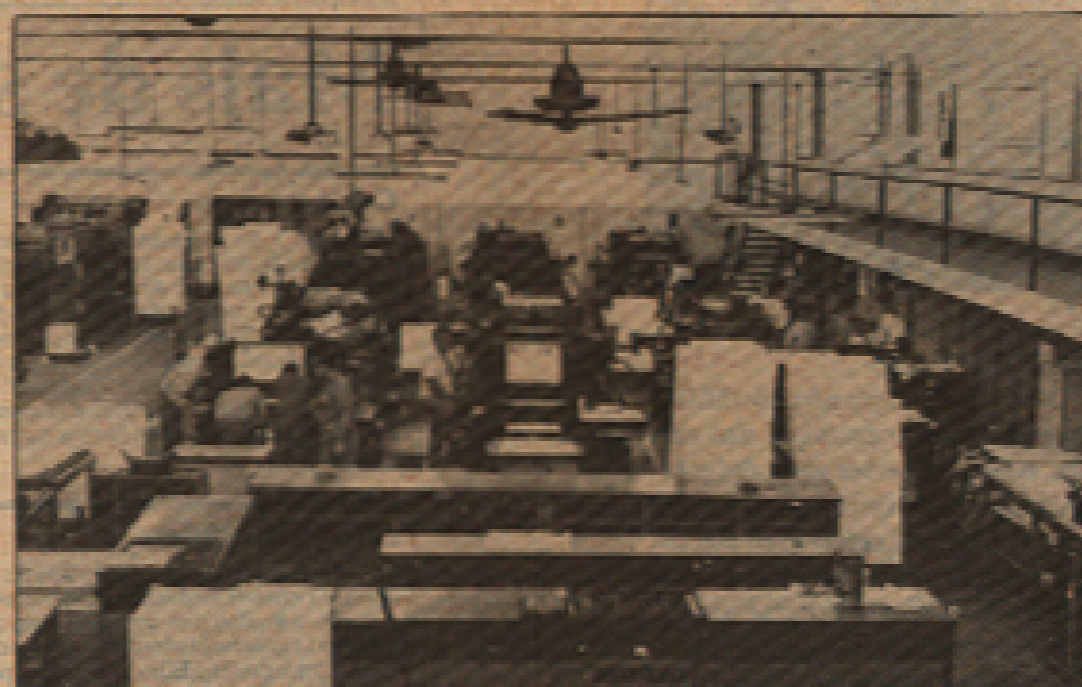
Parada de Lucas é um bairro carioca respeitado como reduto de grandes sambistas e personalidades da cultura popular dos subúrbios do Rio. Lá fez história o famoso Códô, Rei das Paradas; lá se destacaram os aprendizes de Lucas com seus sambas geniais. Fiel à tradição do bairro, o pessoal da Divisão Gráfica do IBGE, um parque de 40 mil metros quadrados, em Lucas, também tem nas veias sangue de bamba. Gente carajosa e forte como o Jorginho, o Wilson, o Paulão, o Darcy, o Fliczer, a Maria Alice, figuras-síntese de muitos outros que falam linguagem de paíca e cêcero e têm o hábito de tirar leite de pedra. Desafio é com eles mesmos. Todo gráfico se considera um descendente cultural de Gutenberg, o alemão inventor da Imprensa, que foi agraciado pelo imperador Frederico III, em 1447, com brasão e título de nobreza - Cavaleiro da Ordem da Gráfica.

Os 226 Cavaleiros da Ordem da Gráfica de Parada de Lucas assumiram o Censo como o trabalho a eles se apresentou: o desafio de produzir 125 milhões de peças, perfazendo quase 300 milhões de páginas, em um curto espaço de tempo. Junto com outros setores do IBGE, o pessoal da gráfica venceu o desafio e botou o Censo na rua.

Em época de Censo, as requisições de material não marcam hora nem dia certo para chegar. Certo mesmo só o prazo de entrega do material impresso que não aceita atrasos: se possível, tudo deve ser entregue sempre o t e m ! Dispondo de um equipamento

que já existe há quatro Censos, a gráfica conta com a garra e a dedicação dos seus funcionários. Segundo Maria Alice da Silva Neves, chefe da Divisão Gráfica e 17 anos de casa, a carga horária normal de oito horas diárias não dá nem para a saída. "Para poder preparar todo o material relativo ao Censo, a carga diária do pessoal é acrescida de mais duas horas. Além disso, é comum os funcionários

virarem noite e trabalharem nos finais de semana, às vezes até sem receber horas extras. Se chega um trabalho aqui que precisa estar pronto na manhã



A tipografia é um dos setores mais ativos na produção de material para o Censo 91.

seguinte, a gente vai de um em um perguntando quem pode ficar. E as pessoas sempre podem. O que acontece aqui é que há um grande espírito de equipe e aquela responsabilidade de ter que colocar o trabalho na rua", afirma Maria Alice.

É esse esforço conjunto, acrescido de uma constante boa vontade e de muito carinho em relação à gráfica - existem funcionários que cresceram lá dentro, trazidos por seus próprios pais, como Eliezer e a própria Maria Alice -, que faz com que

os trabalhos saiam sempre na hora. "Fizemos das tripas coração para o material do Censo 91 ficar pronto e nem serofilamos quando ele acabou" - conta Darcy Viciera Cardoso, funcionário da gráfica desde 1948.

Rua ética em manhã de sol

Mantida constante de sábado à 1ª edição, no intuito de liberar o Censo para impressão. No setor de montagem, chegado pelo Wilson de Miranda, os quase 25 pessoas da equipe deturpam os vários cartões-folhas impressos. Cada uma delas, com um desenho de algo, impresso com fitas de 11 cm de largura, é o cartão colorido utilizado no pólar e utilizado a seguir. "É isso aqui, levando aqui", perguntamos ao Wilson, firme tranquilo, pensando importante na finalidade: fazer o Censo. O famoso "Golode Ouro" do Luperon.

- Estávamos imprimindo as folhas já usadas para nos preparar tudo e fazer folhas novas. Assim a gente evita desperdício e não deixa o serviço em falta.

Bom, atitude do funcionário veterano e de seu pessoal que, com o fim de disponibilizar, tem o sentimento de uma publicação de conteúdos de distribuição de contribuições. No sábado do dia seguinte a gente conhece a ética que decorre na base da produção de funcionários públicos, aquele que está a serviço do País e de seu povo, mesmo quando a tarefa ocorre em lugares com 300 mil metros quadrados de trabalho, com 300 milhões de páginas a serem produzidas.

Com a disposição dos funcionários, a gráfica pode contar sempre. Já com as máquinas, a história é um pouco mais complicada. "Nós não temos um equipamento moderno, mas vamos puxando o trabalho, as máquinas vão atendendo, mas tem uma hora em que precisam de manutenção, de cuidados e de troca de peças", informa Maria Alice. Para controlar a situação, a gráfica conta com a cristividade dos funcionários. Como nem sempre há verbas disponíveis para uma imediata manutenção, o jeito é improvisar, como conta o assistente Eliezer dos Reis, 25 anos de IBGE: "Rotineiramente solicitamos a compra de uma peça para acelerar o trabalho da máquina que dobrava os questionários do Censo, mais essa peça, muito cara, é de fabricação alemã, veja só. Resolvemos então produzir uma peça semelhante aqui mesmo no Setor de Manutenção. O caminho tem sido este. E tem funcionado muito".

Há projetos do CDDI (Centro de Documentação e Disseminação de Informações) de modernização da gráfica. Essas propostas incluem a compra de equipamentos modernos como,

por exemplo, intercambiáveis automáticos (tudo os cartões do Censo foram intercambiáveis à mão) bem como a substituição da parte de processos a quente da gráfica (tipografia, composição e linotipo) por processos mais ágeis. Todos os



O oficial não se dá por vencido o desafio

planos de mudança vêm sensibilizando os funcionários: várias das máquinas que irão a leilão - algumas com 50 anos - já deram muita contribuição aos Censos, inclusive ao Censo 91.

Por enquanto, não tem jeito mesmo: o pessoal continua virando noite perto dos papéis e longe da família. Situação que o compositor e paginador Jorge Rodrigues, 22 anos de gráfica do IBGE, conhece bem. "Ainda outro dia", ele conta, "eu estava vindo para o trabalho e minha esposa falou:"

- Ô Jorgo, já vai trabalhar de novo? Não dá pra ficar nem uma horinha com a gente?

Aí eu respondi:

- Ih, hoje não dá moço.

Amor, amanhã... quem sabe?

Só que amanhã também é dia de trabalho em Lucas.



A gráfica trabalha no desafio: a produção não para

